

Festa, memória e desastres socioambientais: estudos de caso¹

Matheus Schwab²
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP

RESUMO

O artigo explora a relação entre desastres socioambientais e festas populares, destacando como ambos podem ser analisados para compreender aspectos sociais, culturais e políticos. A partir de exemplos, como o Carnaval de Marchinhas em São Luiz do Paraitinga (SP) e o Mardi Gras em Nova Orleans (EUA), o autor sugere que festas populares, assim como desastres socioambientais, servem como meios de comunicação que refletem as memórias e as lutas de comunidades. A proposta é aproximar a análise de desastres socioambientais e festas populares à teoria da Folkcomunicação, utilizando os estudos em memória como possível elo de ligação.

PALAVRAS-CHAVE: Desastres socioambientais; Festas populares; Memória, Folkcomunicação, Desastre Ambiental

TEXTO DO TRABALHO

Nos últimos anos tem aumentado a incidência de desastres ambientais no Brasil e no mundo. Em abril de 2024, o estado do Rio Grande do Sul foi assolado por fortes chuvas e enchentes que afetaram mais de 100 municípios em diferentes regiões do estado. O desastre foi noticiado amplamente em diversas mídias (rádio, TV, redes sociais) nacionalmente (SILVA, 2024) e internacionalmente (MENDEZ, 2024; SMITH, 2024), revelando não só impactos, como também possíveis causas. Durante a cobertura midiática constatei o potencial poder revelador intrínseco da análise de desastres ambientais (GARCÍA-ACOSTA, 1996, 1997 e 2008; SEDREZ, 2013; STEINBERG, 2006) para compreensão dos atores sociais presentes em seu entorno. Tal qual, ocorre com a análise das festas populares.

Assim como os desastres ambientais, as festas populares são *locus* privilegiados de análise para compreender a sociedade. Em ambos os casos, elementos geográficos, culturais, políticos, econômicos e sociais influenciam a forma como eles ocorrem (YÁÑEZ AGUILAR, BOTELHO, CAMPOS e VALENZUE, 2011; STORTTI,

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação e Cultura pela UNISO (SP), e-mail: schwab3p@gmail.com

ESPINOSA e GARCIA, 2020; PASSOS, 2019). A hipótese é que de certo modo, tanto as festas populares quanto os desastres ambientais podem ser interpretados como meios de comunicação, uma vez que se constituem de múltiplas narrativas de diversos grupos em torno de um mesmo episódio, em que revelam diferentes vozes, lutas e reivindicações. Portanto, a proposta desse artigo é iniciar uma reflexão sobre os desastres ambientais e as festas populares aproximando-as da teoria da Folkcomunicação.

O ponto de partida é compreender de que forma os desastres ambientais e as festas populares se relacionam. Para então, posteriormente verificar-se a valência da hipótese proposta. A partir de experiências pessoais³, profissionais⁴ e de revisão bibliográfica notou-se que em alguns casos, há forte presença simbólica de desastres ambientais durante as festividades populares. Como por exemplo, nas celebrações da Folia de Reis em Mariana (MG), cidade afetada pelo rompimento da barragem do Fundão em 2015, e no carnaval de Nova Orleans (EUA), cidade afetada pelo furacão Katrina em 2005. Em ambos os casos, a Memória (BOSI, 1987; NUNES, M. R. F., BIN e BACEGA, 2021) apresenta-se como um elemento exitoso para desempenhar a função de “elo de ligação” entre os desastres ambientais e as festas populares.

É através de festa que a sociedade homenageia, honra ou rememora: personagens, símbolos ou acontecimentos com os quais ela se identifica e pelos quais se identificam os seus membros nos momentos de rotina. As festas de Santos Padroeiros, geralmente as mais importantes do calendário ritual, são um bom exemplo Brandão (BRANDÃO, 1974, p. 22)

Da mesma forma que as festas de santos rememoram a vida e os milagres dos santos, também o fazem as festas cívicas, ao rememorar, por exemplo, a data de uma batalha ou da emancipação de uma região. Diversas festividades são realizadas em torno de um “rito-fundador”, rememorado de forma semelhante e distinta a cada edição da festa. Afinal, a festa é a mesma de cada ano, mas é diferente daquela anterior (FERREIRA, M. N., 2013).

³ Entre 2021 e 2024 o autor foi à 14 festas populares, principalmente na região Nordeste.

⁴ As festas populares de São Luiz do Paraitinga foram tema da dissertação de mestrado do autor concluído em 2023 pelo PPGCOM Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (UNISO) cujo o título foi: “Cultura Caipira e Mídias Digitais: Um estudo nas festas de São Luiz do Paraitinga”

O contínuo processo de rememoração nas festas populares cíclicas, ou seja, aquelas que ocorrem de forma fixa ao final ou início de um determinado período de tempo, como por exemplo, aquelas que ocorrem todos os anos, acarreta na produção de novos sentidos em torno de seu “rito-fundador”. Nesse contexto em que se compreende festa e memória como elementos tanto do passado quanto do futuro, a ideia de memórias do futuro (NUNES, M. R. F., BIN e BACEGA, 2021) baseada nos postulados de Iúri Lotman (1996) mostra-se profícua para esta investigação. Segundo a pesquisadora Mônica Rebecca Ferrari Nunes, líder do Grupo de Pesquisa MNEMON, Memória, Comunicação e Consumo (ESPM/CNPq):

A memória pode se materializar em memórias do futuro, considerando os postulados de Iúri Lotman (1996), que concebe a memória como propriedade dos múltiplos textos culturais que integram as semiosferas, isto é, espaços comunicacionais em que os sentidos da cultura são gerados. Os eixos são: 1) memórias e códigos espaçotemporais; 2) teatralidades; 3) textos midiáticos; 4) espaços compreendidos em seus aspectos semióticos, em suas dinâmicas sociais e geográficas percebidas em tempos, ritmos, fluxos culturais articulados por objetos, ações, atores, textos e a própria natureza como produtores de sentidos.” (NUNES, M. R. F., BIN e BACEGA, 2021, p. 140)

Outra autora que pode contribuir nesta construção teórica é Ecléa Bosi (1987), teórica brasileira na área da memória social. A escolha de Bosi (1987), deve-se a afinidade de sua obra com a Folkcomunicação e os demais autores apresentados até aqui. Pois, para ela: a memória, é sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo (BOSI, 1978)

Na literatura específica sobre desastre ambientais destacam-se as obras de dois historiadores: o norte-americano Ted Steinberg, que conta a história dos EUA por meio dos desastres ambientais (STEINBERG, 2006) e a mexicana Virginia García-Acosta, que conta em três volumes a história dos desastres ambientais na América Latina (GARCÍA-ACOSTA, 1996; 1997; 1998). Ambas as obras vão além de mero relato histórico, assinalam a forte influência que fatores econômicos, sociais, culturais e políticos possuem sobre suas motivações e impactos. Compartilham também a ideia da “vulnerabilidade como elemento-chave na ocorrência de eventos desastrosos” (GARCÍA-ACOSTA 2008, p.12), em especial para populações marginalizadas, que podem ser minorias, por exemplo, de gênero, raça, idade e/ou classe. Devido a presença do “fator humano”, o

termo desastre socioambiental será utilizado a partir de agora neste artigo no lugar de desastre ambiental.

A ideia de que os desastres socioambientais são *locus* privilegiados para análises sociais reveladoras é corroborado pela historiadora brasileira Lise Sedrez (2013) da UFRJ. Segundo ela:

Através da geração de múltiplas narrativas, desastres socioambientais se tornam pontos focais na história que revelam o funcionamento implícito da cultura, inclusive políticas de classe. Nesta perspectiva, a construção da memória dos desastres, como eles são lembrados, e a geração das imagens representativas são fundamentais para a definição de políticas públicas. De fato, é analisando a disputa da memória dos desastres que o historiador pode obter vozes até então abafadas em narrativas oficiais. (SEDREZ, 2013, p. 200)

Também é necessário compreender que existem diferentes categorias de desastres socioambientais: pequenos, médios, mega, históricos e arquetípicos. Um desastre socioambiental pode ocorrer em uma noite, por exemplo, por um desabamento de terra provocado por fortes chuvas, ou em anos, por exemplo, em um longo período de seca. Estas categorias estão sendo esmiuçadas em outro artigo que ainda se encontra em produção pelo autor.

Para realizar a aproximação de forma coerente no âmbito teórico e metodológico entre festa, memória, desastre socioambiental e a teoria da Folkcomunicação a criação de um quadro teórico de referências compartilhado se mostra como um bom movimento inicial para um caminho profícuo. Como fruto de pesquisas exploratórias e das críticas e sugestões de outros pesquisadores sugere-se uma versão inicial deste quadro:

Tabela 1: Sugestão da versão inicial de quadro teórico de referências compartilhadas para aproximar a teoria da Folkcomunicação com os estudos de festas, memória e desastre socioambiental

Campo de estudo	Autores
Folkcomunicação	Luiz Beltrão (1980, 2001, 2004); Roberto Benjamin (2000); Sebastião Breguez (2004); Cristina Schmidt (2006)
Festas	Roberto Da Matta (1978); Néstor García Canclini (2019); Carlos Rodrigues Brandão (1974)
Memória	Ecléa Bosi (1987); Halbwachs (1990); Le Goff (1990); Mônica Rebecca Ferrari Nunes (2021)

Desastre Socioambiental	Veena Das (1995); Ted Steinberg (2006); Virginia García-Acosta (1996, 1997, 2008); Lise Sedrez (2013)
-------------------------	---

Deseja-se que este quadro evolua ao longo do tempo com a realização de pesquisas mais sólidas e a contribuição de mais pesquisadores. Compreende-se também a possibilidade de aproximar estes quatro temas também com outras teorias e campos de estudo⁵. Porém, demonstrar a relação intrínseca entre festa, memória e desastre socioambiental apenas no âmbito teórico talvez não seja o suficiente para o leitor assimilá-la em toda sua amplitude. Por isso, é a partir de estudos de caso que estas aproximações podem revelar-se com mais clareza.

Estudos de caso

Existem ao menos quatro casos em que se constata sem muito esforço a relação entre festas populares, memória e desastres socioambientais. São eles: O Carnaval de Marchinhas de São Luiz do Paraitinga (SP), a Oktobersfet em Blumenau (SC), o Mardi Gras em Nova Orleans (EUA) e a festa da Nossa Senhora das Mercês em Bento Rodrigues, distrito de Mariana (MG).

Na virada do ano de 2009 para 2010, uma grande enchente assolou a cidade de São Luiz do Paraitinga. Em consequência das fortes chuvas, o rio Paraitinga transbordou e fez a água subir aproximadamente 15 metros acima do nível normal. A força e o volume das águas fizeram ruir casas, igrejas, sobrados e prédios públicos, danificando também grande quantidade de construções em geral (SILVA; VIEIRA, 2012, p. 26).

⁵ Para a pesquisa de doutorado do autor já se realizou esta aproximação com os estudos em consumo, comunicação urbana e imaginário. Em todos os casos, notou-se um grande potencial para o desenvolvimento de pesquisas futuras.

Figura 1 – Vista aérea da enchente em São Luiz do Paraitinga, em janeiro de 2010



Fonte: SÃO Luiz do Paraitinga. Disponível em: <https://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/site/wp-content/uploads>. Acesso em: 20 fev. 2023.

O Carnaval de Marchinhas de São Luiz do Paraitinga acontece desde 1982 e nos últimos 15 anos levou, em média, entre 60 e 150 mil foliões, por carnaval à cidade (MENDES, 2008; G1, 2023; SOARES, 2024). As marchinhas são a trilha sonora oficial de São Luiz do Paraitinga e a razão de uma de suas alcunhas: a terra das marchinhas. Segundo matéria do The New York Times, em 2008 já existiam mais de 1.500 marchinhas compostas única e exclusivamente pelos moradores de São Luiz do Paraitinga. (KUGEL, 2008). Segundo estimativa de Paulo Baroni, músico, compositor e um dos maiores ícones do carnaval luizense, em 2020 esse número era de aproximadamente 3 mil marchinhas (Informação verbal).

Após a enchente de 2010 não é raro deparar-se com a lembrança da enchente de alguma maneira viva pelas ruas, nos foliões e nas marchinhas⁶. Dentre elas, destaca-se, como exemplo da relação entre festa, memória e desastre socioambiental, a marchinha “Chó Chov” de Galvão Frade, presente no álbum “Volta e meia”, lançado quatro anos após a enchente:

Mas, dessa vez eu juro pra você
Não quero nem saber
Nosso bloco vai pra rua! (2x)
Há quanto tempo que eu não vejo o sol nascer
É chuva todo dia, temporal a toda hora.

E o nosso rio que não para de encher,

⁶ Entre 2010 e 2024 o autor esteve presente em 11 carnavais na cidade.

Já levou na correnteza
A minha viola (2x)

Não vou mais sofrer
Nem vou mais chorar
Eu já tô pronto
Vou cair na folia
Vou de fantasia
De alma lavada!

(Galvão Frade)

Vale dizer que esta não foi a única vez que enchentes afetaram o Carnaval de Marchinhas, em 2023 a festa foi adiada devido a enchentes que desabrigaram 700 luizenses (G1, 2023). Constantemente a cidade encontra-se em estado de alerta e a possibilidade de transbordamento do Rio Paraitinga é parte do cotidiano dos moradores. De certa forma, se pode afirmar que o desastre socioambiental é um componente sempre presente no Carnaval luizense que, assim como muitas festas populares, apropria-se das cotidianidades durante as festividades.

A mesma afirmação pode ser feita à Oktoberfest de Blumenau, em Santa Catarina. A festa acontece em um pavilhão às margens do rio Itajaí-Açú desde 1984. Mas, a 1ª edição da festa seria realizada um ano antes, porém foi adiada devido a ocorrência de uma grande enchente na cidade. Em 1984, novamente às vésperas da festa uma nova enchente assolou o município destruindo boa parte de sua infraestrutura. Em ambas as enchentes, o nível das águas no centro da cidade superou os 15 metros de altura. Segundo apurado, a Oktoberfest de 1984 só ocorreu por insistência do Secretário de Turismo Antônio Pedro Nunes que teria citado Napoleão Bonaparte em discurso em defesas da realização da festa: “depois das grandes guerras, o povo quer festa” (VIEIRA, 2020). Na versão completa do artigo, serão expostos depoimentos que atrelam o atual sucesso comercial da festa com o clima solidário instaurado desde a sua primeira edição em decorrência do processo de reconstrução da cidade após as enchentes.

Assim como São Luiz do Paraitinga, trata-se de um assunto do passado que vez em quando vem à tona, como por exemplo, em 2023, ano em que a Oktoberfest de Blumenau foi impedida de ser realizada pela Defesa Civil em dois dos dez dias de festa por conta de riscos de enchente. Na época, as águas do rio Itajaí-Açú já marcavam 10 metros de altura além de seu nível normal. (BATISTELA, 2023).

Figura 2 – “A grande enchente de Blumenau” de 1983



Fonte: Acervo Edson Wruck. Disponível em: <https://omunicipioblumenau.com.br/wp-content/uploads/2023/07/40-anos-da-enchente-de-1983-blumenau-34.jpg>. Acesso em: 20 jun. 2024.

O Mardi Gras de Nova Orleans (EUA) é uma festa com duração média de 12 dias. A celebração é marcada por paradas e desfiles de carros alegóricos, fantasias e pelas festas de rua. Há relatos que apontam que o primeiro Mardi Gras da cidade foi celebrado em 1699! Esta tradição secular também sofreu os impactos do furacão Katrina, que atingiu os Estados Unidos em agosto de 2005, causou mais de 1.800 mortes e aproximadamente US\$ 125 bilhões em danos, tornando-se um dos desastres socioambientais mais devastadores da história do país. A cidade de Nova Orleans foi severamente impactada, com 80% da área inundada (KNABB, RHOME, BROWN, 2005). Menos de seis meses depois do furacão, os carros alegóricos do Mardi Gras de 2006 rememoram o Katrina. Segundo reportagem da Reuters, reproduzida pela Folha de São Paulo, em 25 de fevereiro de 2006:

(...) um dos maiores desfiles, o do bloco feminino Krewe of Muses, culminou com um carro alegórico vazio simbolizando as vítimas do furacão na região - mais de mil mortos e cerca de 2.000 ainda desaparecidos. O carro alegórico, chamado de Mnemosine - a deusa grega da memória e mãe das musas, trazia a inscrição "Nós celebramos a vida, fazemos luto pelo passado e nunca esqueceremos. (CELANO, 2006)

Figura 3 – Carro alegórico no Mardi Gras de 2006 em Nova Orleans



Fonte: Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/images/e2502200601.jpg>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Por fim, a festa da Nossa Senhora das Mercês em Bento Rodrigues, distrito de Mariana (MG), será abordada. O distrito de Bento Rodrigues foi o local mais devastado pelo desastre-crime (PASSOS, 2019) do rompimento da barragem do Fundão, que despejou cerca de 39 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração e afetou diretamente 39 municípios em 5 de novembro de 2015. Das 600 casas que existiam no distrito apenas 120 ficaram em pé, a lama e os rejeitos chegaram a atingir os 15 metros de altura e da igreja de São Bento, construída no século XVII, restaram apenas os primeiros degraus da escada de madeira e da pia batismal. O distrito foi considerado inabitável e uma nova infraestrutura urbana, Novo Bento Rodrigues, está sendo construído a 11km do original. Enquanto o novo é frequentado por milhares de pessoas todos os dias, sendo grande parte construtores civis, o antigo é chamado de “ruínas de Bento Rodrigues” e não é frequentado por ninguém na maior parte do ano. A exceção são os dias de festa.

Por exemplo, na Festa da Nossa Senhora das Mercês a população originária de Bento Rodrigues, alojada provisoriamente em Mariana, retorna ao distrito para realizar as procissões em meio as ruas abandonadas e missas são celebradas nas ruínas da igreja. Trata-se da retomada do território pelos moradores (PASSOS, 2019). Um depoimento coletado durante a festa com uma moradora, que não quis se identificar, destaca a forte ligação da festa com o território e a memória do crime-desastre:

É uma forma de resgatar o passado, uma forma de resistência, uma forma de mostrar que ali é nosso e que a gente quer continuar tendo as nossas festas ali. [...] A princípio, a gente dormia na rua, nos carros, em barraca, casa dos outros aberta, dormimos na casa [...] sem janela por um bom tempo. (PASSOS, 2020, p. 270, 271)

Figura 4 – Procissão da festa de Nossa Senhora das Mercês (22/09/2019)



Fonte: PASSOS, Flora d'El Rei Lopes. Este canto é nosso: festa e direito à apropriação nos territórios atingidos pelos rejeitos de minério do Fundão, em Mariana, Minas Gerais. **Revista Indisciplinar**, v. 5, n. 2, p. 271, 2019.

O desastre-crime de Mariana (MG) também exemplifica a relação entre festa e memória mediada pelo corpo e pela performance. Alguns anos após o rompimento da barragem os atingidos começaram a apresentar uma série de doenças na pele. Estes corpos, agora marcados pelo desastre, podem ser encontrados performando e realizando as práticas festivas de seus territórios. A relação evidencia-se também pela ausência de corpos outrora festivos, agora mortos.

Outros casos também podem exemplificar a relação entre os três campos teórico que circundam este texto. O festival Daruma era celebrado anualmente sem interrupções por três séculos na província de Fukushima. Mas, deixou de ser realizado por doze anos após o desastre nuclear que assolou a região em 2011. No Haiti, parte das vítimas do terremoto que assolou o país em 2010 não passaram pelos ritos fúnebres tradicionais do Vodum e por isso, até hoje, estas almas quando incorporadas nos rituais religiosos apresentam comportamento diferente do usual. Trata-se de uma alteração na festividade religiosa que tem como origem um desastre socioambiental. Outro caso como este pode ser encontrado em Aracaju (SE) na Festa do Bom Jesus dos Navegantes, ao longo do século XIX e até a primeira metade do século XX, a procissão da festa passava pela

Prainha, localizada no bairro atualmente chamado de cidade industrial. Porém, a partir da segunda metade do século XX a região passou por uma série de transformações, tais como poluição da água e diminuição gradativa da faixa de areia, até que hoje a prainha não existe mais, transformou-se em uma orla para pedestres. Com isso, a procissão e a festa alteraram-se de forma significativa.

Conclusão

Os quatro estudos de caso sobre festas populares apresentados ao longo deste artigo evidenciam que os desastres socioambientais que as envolvem são rememorados de diferentes formas durante sua realização. Isso torna o tema especialmente adequado para ser abordado pela Folkcomunicação, não apenas pela natureza comunicativa das práticas festivas, mas também pela afinidade entre o referencial teórico adotado nesta pesquisa e o campo da Folkcomunicação. Que pode se expandir em pesquisas sobre festas populares, memória e desastres socioambientais, por meio de novas publicações, da criação de um quadro teórico comum e da realização de mais estudos de campo.

Embora esta seja uma pesquisa inicial, aponta-se que: A memória dos desastres socioambientais se fixa, entre outros aspectos, nas práticas, performances, corpos e símbolos festivos das celebrações mais significativas para as comunidades atingidas e que o "rememorar" revela. Apesar da escassez de estudos publicados, acredita-se que a Folkcomunicação pode ser tensionada e conectada às temáticas de festas populares, memória e desastres socioambientais, desde que o referencial teórico permita tais aproximações. Este artigo apresentou algumas possibilidades para explorar essas conexões, incentivando futuros estudos que aprofundem essa interseção teórica.

REFERÊNCIAS

BATISTELA, C. Oktoberfest Blumenau volta nesta sexta-feira após enchentes e duas suspensões. **G1 Santa Catarina**, 13 out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/10/13/oktoberfest-blumenau-volta-nesta-sexta-feira-apos-enchentes-e-duas-suspensoes.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2024

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

_____. **Folkcomunicação: teoria e metodologia.** São Bernardo do Campo: Metodista, 2004.

BENJAMIN, R. E. C. **Folkcomunicação no contexto da massa.** João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2000.

BREGUEZ, S. **Folkcomunicação: resistência cultural na sociedade globalizada.** Belo Horizonte: INTERCOM, 2004.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: EDUSP, 1987.

BRANDÃO, C. R. **Cavalhadas de Pirenópolis.** Goiânia: Oriente, 1974

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CELANO, L. Nova Orleans inicia Mardi Gras pós-Katrina. **Folha de S.Paulo**, 25 fev. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2502200610.htm>. Acesso em: 23 jun. 2024.

DA MATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DAS, V. **Critical Events: an anthropological perspective on contemporary India.** New Delhi: Oxford University Press, 1995.

FERREIRA, M. N. Comunicação, Resistência e Cidadania: as Festas Populares. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 9, n. 1, p. 111–117, 2013.

GARCÍA-ACOSTA, V. **Historia y desastres en América Latina I.** Bogotá, Colombia: La Red/Ciesas, 1996. v. 1;

_____. **Historia y desastres en América Latina II.** Lima, Peru: La Red/Ciesas, 1997. v. 2;

_____. **Historia y desastres en América Latina III.** México III, DF, Mexico: La Red/Ciesas, 2008. v. 3

G1. São Luiz do Paraitinga adia carnaval após chuva deixar 700 pessoas desalojadas. **G1 Vale do Paraíba e Região**, 13 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba->

regiao/carnaval/2023/noticia/2023/02/13/sao-luiz-do-paraitinga-adia-carnaval-apos-chuva-deixar-700-pessoas-desalojadas.ghml. Acesso em: 23 jun. 2024.

__. Cidade de São Luiz do Paraitinga espera receber 80 mil foliões durante o carnaval. **GloboPlay**, 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12331661/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

KNABB, R. D.; RHOME, J. R.; BROWN, D. P. Tropical Cyclone Report: Hurricane Katrina. **National Hurricane Center**, 2005. Disponível em: https://www.nhc.noaa.gov/data/tcr/AL122005_Katrina.pdf. Acesso em: 23 jun. 2024.

KUGEL, S. Carnival on a Smaller Stage. **NYTimes**, 27 jan. 2008. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/01/27/travel/27journeys.html>. Acesso em: 25 set. 2020.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LOTMAN, I. M. **La semiosfera**. Madri: Cátedra, 1996. 1 v.

MENDES, P. São Luiz do Paraitinga espera atrair 150 mil foliões com carnaval de marchinhas. **Extra**, 2008. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/carnaval/sao-luiz-do-paraitinga-espera-atrair-150-mil-folioes-com-carnaval-de-marchinhas-454711.html>. Acesso em: 23 jun. 2024.

MENDEZ, C. **Las inundaciones en el sur de Brasil dejan un reguero de destrucción y caos**. **El País**, 9 de maio de 2024. Disponível em: <https://elpais.com/america/2024-05-09/las-inundaciones-en-el-sur-de-brasil-dejan-un-reguero-de-destruccion-y-caos.html>. Acesso em: 23 jun. 2024.

NUNES, M. R. F.; BIN, M. A.; BACEGA, D. R. Memórias do futuro, utopias e heterotopias em territórios rurbanos: os sete povos do norte de Minas. **Revista Dossiê**, v. 15, n. 29, jan./jun. 2021.

PASSOS, F. d'El R. L. Este canto é nosso: festa e direito à apropriação nos territórios atingidos pelos rejeitos de minério do Fundão, em Mariana, Minas Gerais. **Revista Indisciplinar**, v. 5, n. 2, 2019.

SCHMIDT, C (org.). **Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: Ductor, 2006

SEDREZ, L. **Desastres socioambientais, políticas públicas e memória – contribuições para a história ambiental.** Migrações e natureza Org. Eunice Sueli Nodari e Sílvio Marcus de Souza Correa. São Leopoldo: Oikos, 2013.

SILVA, D. L. D.; VIEIRA, M. A. F. D. A. **São Luiz do Paraitinga: sem rabo e sem chifre.** São Paulo: Edição do Autor, 2012.

SILVA, J. da. **São Leopoldo: a cidade gaúcha onde quase todos perderam o lar.** Agência Pública, 20 de maio de 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/05/sao-leopoldo-a-cidade-gaucha-onde-quase-todos-perderam-o-lar/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SMITH, J. **Floods in southern Brazil leave a trail of destruction and chaos.** BBC News, 15 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-68968987>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SOARES, J. São Luiz espera 80 mil foliões com desfiles mais longos e muita tradição. **O Vale**, 2020. Disponível em: <https://sampi.net.br/ovale/noticias/497268/viver/2020/02/s-o-luiz-espera-80-mil-foli-es-com-desfiles-mais-longos-e-muita-tradic-o>. Acesso em: 23 jun. 2024.

STEINBERG, T. **Acts of God: The Unnatural History of Natural Disaster in America.** New York: Oxford University Press, 2006.

STORTTI, M. A.; ESPINOSA, G. M. F.; GARCIA, R. A. Festa, Disputa territorial, Reexistência e Educação Ambiental desde el Sur: Um estudo de caso da Gran Marcha Carnaval de Tolima, Colômbia. **Revista Ensino, Saúde e Ambiente**, Número Especial, p. 289-309, jun. 2020.

VIEIRA, V. H.. Registro para história: a história do Oktoberfest Blumenau e sua relação com as enchentes de 1983 e 1984. **O Município Blumenau**, 2020. Disponível em: <https://omunicipioblumenau.com.br/registro-para-historia-a-historia-do-oktoberfest-blumenau-e-sua-relacao-com-as-enchentes-de-1983-e-1984/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

YÁÑEZ AGUILAR, C.; BOTELHO, D. R. M.; CAMPOS, P. C.; VALENZUE, V. H.. Música Popular e Resistência: Emergência de um agente folkcomunicacional a partir de um caso de conflito ambiental. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 1, n. 18, 2011.